

LUIZ GARCIA

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 28/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é Luiz Antônio de Amorim Garcia. Nasci no Rio em 14 de julho de 1936.

E quais eram os nomes e as atividades de seus pais?

Meu pai era médico pediatra, minha mãe, dona de casa.

E o nome deles?

Marcelo José de Amorim Garcia e, ela, Dulce de Magalhães Castro Garcia.

Garcia já havia algum envolvimento da sua família com o jornalismo?

Muito remoto, porque meu avô, um historiador chamado Rodolfo Garcia, que veio para o Rio, onde foi diretor da Biblioteca Nacional, quando ainda em Recife ele trabalhou em jornal. Teve alguma atividade jornalística que não sei com precisão qual foi, mas teve.

E você lembra que jornal era lido na sua casa?

Na minha infância certamente *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, mas também não tenho uma memória muito precisa assim.

E o que te levou para o jornalismo?

Meu pai era muito amigo do Carlos Lacerda. Papai era médico pediatra dos filhos do Carlos e se tornou amigo deles. E, por coincidência, viemos a morar no mesmo edifício, o edifício Albervania, onde depois houve o atentado contra o Carlos. E, por causa disso, da amizade com ele, eu fui fazer um estágio na *Tribuna da Imprensa*. Eu tinha dezessete anos e estava no terceiro ano científico. E fiz um estágio que foi, mais ou menos, de um ano e meio, sem remuneração e fui ficando, fui ficando, aí fiquei.

E Garcia, nesta época, o que te chamava a atenção neste ambiente jornalístico, neste momento em você está entrando na redação?

Bom, no caso específico da *Tribuna*, era uma grande efervescência política, pois era um jornal eminentemente político. Havia, assim, uma idéia de que praticávamos jornalismo enrolados na bandeira nacional. Pelo salário que recebíamos, só enrolados na bandeira nacional mesmo.

Como você descrevia o Carlos Lacerda, a figura dele no jornal?

Ele era um homem muito inteligente, brilhante. O pavio era relativamente curto. Escrevia muito bem e quando eu comecei a trabalhar no jornal, ele já estava partindo para a carreira política. Então, ele tinha uma presença pessoal na redação quase ocasional. O jornal era tocado por outras pessoas, como o deputado federal Aluízio Alves, o secretário de redação, que era um franciscano chamado Nílson Viana, e um grande chefe de reportagem chamado Hilcar Leite. E o meu principal professor, naquela época, chamava-se Hermano, Hermano de Deus Nobre Alves, que depois veio ser deputado federal.

E você começa fazendo o quê no jornal?

Tudo, qualquer tipo de reportagem. No começo, acompanhando repórteres. Depois, escrevendo pequenas notas e lentamente evoluindo até aprender a escrever. Com um ano de casa, eu fui ser repórter forense. Fui repórter de Fórum durante um ano e pouco. Depois, quando voltei para a redação, comecei a ficar mais dentro da redação, escrevendo e ajudando a editar.

Garcia, você falou que o seu grande professor talvez tenha sido Hermano Alves. Você lembra que lições são essas e como que você começa a perceber o fazer jornalístico, ali, naquele momento?

É muito difícil dizer, porque você aprende um pouquinho de cada vez. Nós tínhamos uma cartilha, que era o manual de redação da *Associated Press* adaptado para a *Tribuna*. Era o mesmo usado no *Diário Carioca*, iniciativa do Pompeu de Souza e era aquele estilo de jornalismo sempre rasteiro, em que o lead tinha quem, como, onde quando e por que, esse tipo de resposta. Então, a gente ia aprendendo por aí. Tudo isso, na *Tribuna da Imprensa* era misturado também com o clima, com objetivos políticos do jornal. Para cada um de nós, novatos que eles tinham lá, eles tinham muita gente jovem, a grande tarefa era decidir, se você queria ser um, usar aquela, digamos assim, matéria prima de informação para ser um jornalista profissional ou o mesmo ambiente para partir para uma vocação política ou qualquer coisa desse gênero. O que não era raro, aliás, em qualquer redação. Na *Tribuna*, muito exacerbado pela força da personalidade do Carlos Lacerda. Mas, era uma época também em que muitos jornalistas entravam no jornal para ou fazer carreira política ou fazer carreira literária.

Em que ano você entra na *Tribuna*?

1953.

Então você pega todo você pega todo aquele embate do jornal com a *Última Hora*, com o governo Vargas. Como é que você descreve os acontecimentos com os quais o jornal esteve envolvido?

Bom, é uma pergunta muito difícil de responder porque eu não posso mais me lembrar do dia a dia das coisas. O fato que eu recordo com mais ênfase foi o atentado contra o Carlos Lacerda. Eu estava em casa, quando bate na porta o filho dele, nós éramos vizinhos. e ele disse "tentaram matar papai". Então, eu e meu irmão mais novo descemos correndo, eu ainda vi o major Vaz estirado na calçada, e fui para escadinha que dava pra garagem e ouvi um barulho chaqualhando assim "choc, choc, choc". Era o Carlos Lacerda se aproximando e o "choc, choc, choc" era porque ele tinha levado um tiro no pé e o sapato estava encharcado de sangue. Aquilo era uma coisa inteiramente nova na nossa vida, a brutalidade daquilo, a tragédia daquilo e, ao mesmo tempo, a emoção. De repente, a gente estava num filme de bandido e mocinho. Eu tinha dezoito anos. Eu tinha todo tipo de emoção à minha disposição. Eu peguei o embalo da profissão por aí. Embora nunca fosse um grande repórter. Eu sempre me defendi melhor no texto do que na apuração.

Se você fosse pensar, você fosse descrever esse mercado de jornais cariocas naquele momento, como que era a vinculação, quais são os principais jornais e suas vinculações políticas?

Bom, é muito fácil. A *Tribuna da Imprensa* era um jornal feito pelo Carlos Lacerda para o Carlos Lacerda. A *Última Hora* era um jornal do Getúlio feito por um grupo de gente de dinheiro, Matarazzo etc, eram quatro, entregue ao Samuel Wainer para promover primeiro a volta do Getúlio de São Borja e depois a carreira política do Getúlio e o seu retorno à presidência da República. Havia dois jornais marcadamente udenistas, que eram o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*. Havia um também numa linha paracida com os dois que era o *Diário Carioca*. Com uma diferença que o *Diário Carioca* era um jornal, embora modesto, pequeno, muito mais moderno. Ele era beneficiado pelo fato de ter entre os seus principais jornalistas o Prudente de Moraes Neto, um homem que tinha posições políticas muito nítidas mas não era exacerbado em nada, e o Pompeu de Souza, que trouxera dos Estados Unidos, onde tinha vivido, aquelas técnicas jornalísticas que depois ficariam padrão na imprensa brasileira, aquela técnica de lead etc e tal. Quando você profissionaliza mais pro lado do jornalismo, você diminui o conteúdo político e vice e versa. Em todos os jornais havia um pouco disso e um pouco

daquilo. A *Tribuna* e a *Última Hora* eram intensivamente políticas. O *Diário Carioca* era um pouco mais equilibrado. E assim por diante.

E O Globo?

O *Globo* era um jornal visto como da situação, fosse qual fosse. Era um jornal que não se preocupava muito em dar demonstração de ter coragem cívica. Se preocupava em fazer um jornal que prestasse serviço ao leitor e fosse aos poucos um grande jornal. Coisa que demorou muito tempo para fazer, embora fosse um empresa sempre próspera, muito bem administrada, sempre.

Neste momento como é a experiência dos pequenos jornais políticos, tipo *O Radical* e a *Imprensa Popular*? Que pesos que eles têm nessa cena jornalística e política?

Bem, aí você pegou dois casos diferentes. *O Radical* era um jornal pessoal, assim como *O Dia* era um jornal pessoal, um pouco mais tarde a *Luta Democrática* era um jornal pessoal. Quer dizer, era um jornal associado a carreira política de um determinado personagem. A *Imprensa Popular* era um jornal do Partido Comunista. Sob esse ponto de vista ele era intensamente partidário, não poderia ser mais ou menos personalista. O secretário geral do Partido não era candidato a nada, mas era um jornal intensamente político.

Quando nos anos 1950, aparece *O Dia*, a *Última Hora*, a *Luta Democrática*, eles de fato representam de fato a tentativa de pegar um público menos elitizado?

Esse público menos elitizado já estava bem atendido por diversos jornais. Significava pegar uma faixa, uma fatia desse público, certamente. Na época, é preciso lembrar, era muito fácil botar um jornal na rua. A produção jornalística era subsidiada praticamente. Desde 1945, quando caiu a ditadura, a nova constituição deu aos jornalistas isenção de imposto de renda, isenção de imposto de transmissão por quinze anos. Isso foi acabar em 1960. E ainda tinha desconto de passagens aéreas, diversas mordomias. E isso atraía muita gente para o jornal porque era uma profissão que a gente suponha que ainda fosse romântica. Ela atendia a quem queria ser um literato, ela abria uma porta a quem queria ser político. Então, ela atraía uma gama variada de pessoas. Só não tinha porta aberta para mulher. Isso só vai acontecer muito depois. Todo jornal tinha uma, que fazia a página feminina, que mal era uma página.

Garcia, esse partidarismo nos jornais naquele momento chegava a significar a manipulação da informação jornalística?

Muito. Intensamente. A objetividade jornalística era uma coisa que já se falava nela, mas era mantida à distância. E se acrescia um fator, pois não havia por parte da opinião pública, do leitor, nenhuma cobrança neste sentido. Você lia aquele jornal sabendo o que ia ler nele e querendo ler aquilo. Se você era leitor da *Última Hora*, não lia o *Correio da Manhã*, a não ser que você fosse uma pessoa muito sofisticada, assim pra confrontar e tudo. Era um pouco torcida. Então, não havia cobrança da opinião pública.

Garcia, de todos os jornais, qual era o mais interessante?

O meu, claro. Pra mim, era o meu. Eu acho que o jornal mais bem feito, com pessoas de melhor nível daquela época era o *Correio da Manhã*. Embora a minha admiração pelo Prudente deva separar também um nicho pra ele. O *Diário Carioca* era um jornal pequeno, de grande agilidade e muito bem humorado. Feito pelo Prudente, pelo Pompeu de Souza. Armando Nogueira começou lá, Otávio Bonfim começou lá. Era um jornal pequeno mas muito interessante, muito gostoso de ler.

Garcia, quais foram as consequências para a *Tribuna* do suicídio do Getúlio?

Cresceu muito. Ah, não. Com o suicídio? Perdão, eu estava pensando no atentado.

Então, conta primeiro com o atentado.

Com o atentado, cresceu muito. Entendeu? Era um homem com um jornal tão importante que o Palácio do Catete, não se podia dizer que certamente era o Getúlio, mas tinha mandado matar. Isso era de uma importância enorme. Então, eu me lembro da madrugada do dia vinte e quatro, eu estava na casa de amigos, no mesmo prédio onde tinha ocorrido o atentado, e se celebrou e festejou a renúncia de Getúlio. Oito horas depois o Getúlio tinha se matado. Aí eu fui pra *Tribuna*. Eram onze horas da manhã e mandaram eu ir lá para Praça Tiradentes. Eu era uma das pessoas que ia ver de que lado vinha o pessoal para empastelar a *Tribuna*. Que vinha, vinha. E realmente vieram. A redação fugiu para o *Correio da Manhã*. Eu fui pela rua ainda, que eu já estava na rua. Outros, como os prédios eram vizinhos pelos fundos, ficavam em ruas paralelas, dava para buscar um acesso pulando o telhado. Então, muita gente subiu pra lá. Não chegou haver quebra-quebra exatamente. Quebraram algumas coisas, mas não demoliram a redação. Mas foi um momento de extrema tensão, inimaginável hoje em dia.

E a partir daí, fica difícil para os jornalistas da *Tribuna* trabalharem? Como é que era ir pra rua fazer matéria?

Não, não. Foi fogo de palha. Acabou logo. A figura do Carlos Lacerda sempre muito controvertida, mas fora isso...eu me lembro que eu passei um tempão como repórter de Fórum, ia todo dia ao Fórum, conversava com juiz, advogados, outros jornalistas e ninguém fazia uma associação assim, de alguém dizer assim "parabéns" por ser da *Tribuna da Imprensa* ou "porcaria" por você ser da *Tribuna da Imprensa*.

Garcia, você passa então esse tempo na *Tribuna da Imprensa*, que corresponde ao governo Vargas, JK [Juscelino Kubitschek] e Jânio, né?

Eu queria me lembrar exatamente quando foi vendida a *Tribuna*, mais eu acho que é mais ou menos isso sim.

Como era a situação da liberdade de imprensa durante estes governos?

Não havia nenhum problema de liberdade de imprensa. Todos esses governos foram democráticos. Mesmo aquelas pequenas transiçõeszinhas em que os militares derrubavam um governo e saía de perto rápido e entregava para outro civil, em geral mais rico, não havia nenhuma pressão. Eu não sei se havia pressão de ordem econômica. Podia haver. O jornal podia estar sofrendo pressão de anunciante e tudo mais, mas se havia, mas era difícil. O anunciante se beneficiava da circulação, só. Era um jornal muito modesto. Mas se havia não chegava até a gente.

Garcia, quando a *Tribuna* é vendida pelo Carlos Lacerda? Tem uma transição, não tem?

Tem. Eu quero lembrar o ano. Eu entrei lá em 1953, eu acho que foi 1961, por aí. Ele vendeu, o Carlos [Lacerda] já estava afastado, o jornal era dirigido pelo Sérgio [Lacerda, seu filho], embora a posse fosse do Carlos. Aí o Sérgio negociou o jornal com o [Manuel Francisco de Nascimento] Brito [genro da Condessa Pereira Carneiro, proprietária do Jornal do Brasil]. E o Brito comprou e levou pra lá o Dines, o Armando Nogueira, toda aquela constelação de jornalistas. A Condessa estava viajando e quando ela voltou, mandou o Brito vender o jornal, passar adiante o jornal. Ela achou um absurdo aquilo. Estava fazendo concorrência ao *Jornal do Brasil*, jornal do marido dela. Isso eu estou deduzindo, porque eu não conhecia, mas era o que se dizia na época. Aí o Brito correndo vendeu e o jornal foi para a mão do Hélio Fernandes. Mas eu já tinha saído antes. Eu saí assim que o Brito comprou.

Garcia, nesse tempo qual era a atuação do Sindicato dos Jornalistas?

Eu me lembro que eu ganhei uma bolsa para estudar uma língua nos Estados Unidos. Então, com a carta do Sindicato, eu conseguiria o desconto da passagem, cinquenta por cento de desconto. Fui ao encontro do presidente do Sindicato, esqueci o nome dele, mas era um senhor bonachão, muito simpático, que despachava no Jôquei Clube na Cidade. Eu fui lá, eu pedi a ele e ele disse que o Roberto Marinho tinha pedido por mim. Porque o Roberto Marinho sempre foi muito amigo do meu pai. E aí ele disse "tá aqui a carta". Era um cartório, uma repartição pública praticamente. Vivia disso, de distribuir favores, não tinha atitude política nenhuma. O que havia de atitude política da imprensa, separada dos veículos, estava com o Herbert Moses na ABI [Associação Brasileira de Imprensa].

E qual a importância da ABI nesse tempo, no sentido da profissionalização?

No sentido das posições políticas que o Moses tomava, em geral libertárias, em geral democráticas, mas não era uma coisa associada ao progresso da profissão, a reivindicações ou a isso. Nós não éramos uma classe organizada para isso. Não tinha reivindicações classistas. Não havia aquela história do "vai ter o dissídio sindical para decidir o aumento".

Quando que isso começa a mudar?

Aí você me pega, mas eu acho que é na década de sessenta, quando a produção começa a se organizar. No começo da década de sessenta surge a escola de jornalismo, surge o registro de jornalista obrigatório. Depois, a exigência do curso de jornalismo para o exercício da profissão. Aí que a classe começa adquirir forma, consciência e organismo. O Sindicato passa a se tornar realmente um interlocutor, senão um adversário, da classe patronal. Mas isso já estamos lá na década de sessenta. Isso é depois do Jânio, por ali.

Então, em 1961 você vai para *O Globo*?

Em 1961 vou para *O Globo*, fico lá dois anos, chefiava o copy desk à noite. Fiquei lá dois anos praticamente procurando melhorar o texto do jornal que era muito arcaico. E trabalhava com alguns jornalistas jovens. O Carlinhos Chagas, que hoje está em Brasília, era um deles. Eu era também muito moço...

Nesse momento Néelson Rodrigues está lá, tem aquela coisa caricata da objeção ao texto moderno, do lead, da objetividade?

Tem, mas não do Néelson Rodrigues. Néelson Rodrigues não escrevia para os jornais, escrevia os artigos dele. Tinha diversos jornalistas idosos que escreviam à mão ainda. E nesses, a gente nem mexia. Mas, tinha uma turma mais ou menos jovem,

da minha idade. Dois ou três repórteres, talvez um editor ou dois e o secretário da noite, um argentino, o Vilanueva, era muito a nosso favor. Mas de manhã trabalhavam o [Francisco] Alves Pinheiro e o Lucílio de Castro que não tinham nada disso na cabeça. Então, o dr. Roberto deixava atolar. Quem conseguisse fazer o seu lado, fazia. E eu criei muita maluquice, eu fazia títulos cômicos, engraçados. O dr. Roberto achava graça, os velhos detestavam. Um dia eu quebrava a cara também. Mas era um ambiente muito bom. O dr. Roberto tinha uma coisa, ela sabia criar um ambiente de trabalho. A única coisa que ele foi na vida foi ser dono de jornal. E ele realmente sabia criar um ambiente de trabalho. Era um homem muito esperto.

Garcia, ainda sobre o texto jornalístico. Quando o Pompeu de Souza implementa mudanças como o lead, a adesão dos outros jornais foi imediata ou não?

Na *Tribuna* nós tínhamos a mesma coisa, com o obstáculo que o nosso líder e patrão não dava a menor bola pra isso. Mas, ele não escrevia notícias. Ele escrevia um caudal de palavras e tal. Mas nós tentávamos impor, eu estava aprendendo a escrever na técnica de lead e sublead e tudo. Não era um texto tão bom, tão disciplinado, com um envolvimento total do jornal no projeto como era no *Diário Carioca*. Era a mesma linha, mas o nosso era bagunçado. Lá, era uma coisa mais organizada.

E quando você entra em *O Globo* Garcia, em 1961, o jornal ainda era vespertino?

Era.

Quais eram as principais características desse tipo de jornal, Garcia?

Já naquela época ele já estava um pouco atrasado. Porque o jornal vespertino nasceu para as pessoas que saem do trabalho para casa. A medida em que a cidade cresce e os meios de transporte se tornam cada vez mais menos aptos abrigar aquela gente toda, mais difícil se torna ler um jornal no ônibus. Então, o conceito de vespertino foi ficando cada vez mais estranho, os vespertinos começaram a fechar cada vez mais cedo. E tinha outro fator. No começo da vida dos vespertinos, eles tiravam diversas edições extras durante o dia. Rodavam a primeira edição meio dia, surgia uma novidade, ele rodava uma [edição] às duas e meia, outra às três e meia, até às cinco e meia, porque até às seis hora tinha gente saindo do trabalho para comprar jornal na rua. A cidade estava cheia de gente para comprar jornal. Com o tempo, vai mudando o perfil desse passageiro e vai surgindo o rádio dando a notícia. Não adianta você fazer um segundo clichê do jornal ou uma edição extra se o *Repórter Esso* já está dando no rádio. Então, o papel do jornal como o primeiro fornecedor de informação para o leitor começa a desaparecer aí. E

nisso está a raiz de tudo que vem depois, o jornalismo interpretativo, o jornalismo explicativo, o jornalismo que faz história dos fatos. Porque a informação de primeira mão nós perdemos no fim da década de 1950 e início da década de 1960.

Bom, você considera então o *Repórter Esso* um marco nessa transformação do jornalismo impresso?

É. Um dos jornais que eu me lembro é o *Repórter Esso*, que tudo mundo se lembra é o *Repórter Esso*. Vai ver que havia diversos e a gente não se lembra mais.

Garcia, nesse momento, como é que era a organização da redação do jornal *O Globo*? Já existiam as editorias?

Não, não. Nada de editorias. O poder era centralizado despoticamente na mão do Alves Pinheiro, que era chefe de reportagem e mandava no jornal. Normalmente, em qualquer jornal, o chefe de reportagem é subordinado ao secretário e este ao redator-chefe. O chefe de reportagem produz as reportagens, o secretário produz a edição, o redator-chefe em geral zela pela linha do jornal, coordena o noticiário político. Em linhas muito gerais, mais ou menos era esta a organização de um jornal típico brasileiro na época. Em *O Globo* não existia isso. O Alves Pinheiro ia pra lá às quatro da manhã, saía às quatro da tarde e comandava o jornal naquele período. O secretário do jornal era uma pessoa muito simpática, mas totalmente apagada. E o Alves Pinheiro não era uma boa pessoa. Ele deturpava informação, fazia mil jogadas. Não tenho nenhuma boa memória dele.

E é com a própria profissionalização da imprensa que esse tipo de coisa começa a deixar de acontecer, Garcia?

Não, quer dizer, um dos fatores sim. Mas, entre outros fatores, é a transformação da própria natureza do jornal. De repente, o jornal começa a ter anunciantes de vulto para sustentá-lo. O número de grandes empresas e grandes corporações começa a se interessar pelo jornal. E ficava caro demais você fazer um jornal como apenas veículo como a ambição pessoal de alguém. Era muito melhor, muito mais bem sucedido o jornal que se fazia uma empresa, que buscava anúncios e buscava qualidade jornalística para ter anúncio. E quando se busca a qualidade jornalística e inúmeros leitores para ter anúncios, a necessidade de ter número de leitores grandes obriga a você a ser mais isento, a não dar muita bandeira de que você defende o senador tal ou o deputado fulano. Entendeu? São as exigências do próprio mercado, as exigências da evolução do tipo de empresa que faz o jornalismo cada dia mais honesto. Ninguém teve a visitação de um santo que disse "a partir de agora você não vai mentir mais". É que realmente fica sendo melhor negócio e aí desaparece aos poucos, paulatinamente os executivos do jornal

daquela antiga escola e surge os executivos do jornal que é honesto sim, ele não honesto por interesse. Ele é honesto e o patrão tem interesse em trazer aquele cara genuinamente honesto e por na direção. Então, aos poucos, assim, você vai limpando a máquina. Nunca vamos dizer que ela estará em algum momento, totalmente limpa, mas esse processo de higienização das redações é um processo que tem raízes naturalmente econômicas, com a força de mercado.

Garcia, você acha que as escolas de jornalismo fizeram uma diferença nesse processo de profissionalização, de construir valores?

Tenho sérias dúvidas. Porque eu nunca frequentei uma escola de jornalismo aqui e eu tenho uma má vontade contra a escola de jornalismo particular no Brasil. Essas escolas que fazem vestibular todo sábado. Eu tenho horror. Meu filho se formou numa delas, ele é um bom jornalista hoje, mas eu vi os trabalhos que ele apresentava no segundo e terceiro ano, recebendo notas dez com louvor e tudo mais e eram umas catástrofes ambulantes. Ele aprendeu tudo depois que saiu da escola. Então, a exigência do diploma, eu escrevi sobre isso essa semana, a exigência do diploma causa a proliferação das escolas de jornalismo e baixa a qualidade instantaneamente. Você tem bom ensino e boa qualidade hoje quase sempre nas escolas oficiais. Aqui no Rio a exceção é a PUC, que tem bom ensino e boa qualidade. O resto é um resto, olha, lastimável.

Garcia, nesse momento, quem trabalhava na redação do jornal *O Globo*? Quais eram os jornalistas que estavam lá?

Agora você me pegou.

Os principais...

Olha, *O Globo* não tinha muito jornalista importante, porque o Dr. Roberto Marinho não admitia muito isso. Eu me lembro do Ricardo Ferrante, dono de um feudo na editoria de esportes. O Alves Pinheiro eu já falei. O Lucílio de Castro era o secretário, um velho comunista muito simpático, muito bonzinho, vivia de pileque e o Alves Pinheiro passava por cima dele todo dia. Tinha, estou querendo lembrar da editora de moda, uma moça muito conhecida aí, agora escapou o nome, porque era a jornalista. Toda redação tinha isso, tinha uma moça muito bonita que fazia a edição de moda e tinha um murundu feioso que era uma funcionária pública que trabalhava na polícia ou na secretaria não sei de quê. Mais que duas, nenhum jornal tinha. Depois, como hoje em dia, as mulheres se tornaram maioria.

Em que momento as mulheres passaram a invadir, digamos assim, as redações?

Primeiro com o diploma obrigatório. E, depois, foi um fenômeno, você sabe como mulher age, né? Elas vão devagarinho e quando você percebe está dominado [risos]. Eu me lembro que em meados da década de 1960, a gente achava extraordinário que já tivesse a Ana Arruda chefiando a reportagem do *Jornal do Brasil*. Isso já foi um marco. Na verdade a mulher é melhor jornalista que o homem. Ela presta mais atenção em detalhes, ela gosta mais de trabalhar, ela mais rigorosa com o trabalho. O homem é mais infantil nesse negócio, é mais garotão. O homem não é bom repórter, não. Bom repórter é mulher, mulher não tem vergonha de perguntar, mulher não tem vergonha de dizer “não entendi, o sr. diz de novo?”. Elas são muito melhores jornalistas que os homens. Hoje em dia no *Globo* elas não são maioria por uma fração ínfima e eu tenho impressão que nos cargo de chefia elas são maioria disparado.

Garcia, durante a crise do governo Jânio, no final, na renúncia, você já estava no *Globo*?

Aí foi 1961, né? Foi 1961. Eu acho que já. Eu estou até impreciso de onde eu estava. Se era no *Globo*, se era na *Tribuna*.

Nesse momento *O Globo* tinha posicionamento político ou ele tinha preocupação em servir...

Não, ele tinha posições políticas sim. Só que eram todas posições, assim, amenas. Ele não tomava posições violentas, ele não fazia nenhum grande adversário, mas aí realmente não me lembro.

Mas você se lembra, de forma geral, como a imprensa reage na crise da renúncia?

Eu não me lembro de nenhum episódio assim marcante que pudesse dizer assim “isto é esquisito, isto é estranho”. Eu acho que todo mundo acreditou que o Jânio ia dar a volta por cima, que a renúncia dele era falsa. Ninguém previu que a Câmara ia dar o golpe no Jânio, que o presidente da Câmara, o [Ranieri] Mazzilli ia fazer aquela sujeira com ele e assumir o governo. O Jânio preparou um golpe e esqueceu de combinar com todo mundo. E aí, quando ele renunciou, os caras foram lá e botaram outro presidente em vez de buscarem ele no aeroporto que estava esperando, lá em Cumbica. Ele levou um passa-fora. Agora, isso, na imprensa, eu não me lembro de ter alguma repercussão marcante, porque senão anunciava tudo com maior destaque. Porque aí não havia jogada, “o presidente está renunciando”, aí vale tudo, todo mundo vai correr atrás da mesma notícia. Não é uma coisa que você diz assim, “que a posição é dos jornais”, que diga alguma coisa, signifique alguma coisa. É um fato tão importante como o suicídio do Getúlio. Você não tira

nenhuma conclusão sobre os parâmetros da imprensa no suicídio do Getúlio, todo mundo reagiu igual. Aquela coisa foi tão impactante, tão forte que ligava todo mundo.

Garcia, você sai do jornal *O Globo* e vai para a sucursal do *Estadão*?

É.

Em que momento foi essa mudança?

Deve ter sido em 1962 ou 1963 que eu fui lá para sucursal do *Estadão*. Eu fui para trabalhar com o Prudente Moraes Neto, que era o diretor da sucursal e o arquiteto dessa mudança foi o Odylo Costa Filho, que eu já conhecia há muito tempo, era um grande amigo meu, embora muito mais velho do que eu. Profissionalmente era como se fosse um segundo pai pra mim, era o cara a quem eu recorria, um cara que me adiantava, eu gostava muito do Odylo. E aí, eles me ofereceram mais um dinheiro, eu disse pro Dr. Roberto, "Ô dr. Roberto, se o sr. der igual, eu fico". Ele disse "não, eu dou metade". Aí eu fui embora pra lá.

E qual a função que você assumiu na sucursal?

Chefe de redação. Teve uma época, na *Tribuna da Imprensa*, em que eu tinha um cargo de chefia, renunciei e fiquei só como copy desk e fui ser copy desk na sucursal do *Estadão*. Então eu já conhecia. Trabalhei quase um ano lá como copy desk na sucursal do *Estadão* e voltei para chefiar a redação.

Você falou do Odylo Costa Filho. Nesse momento ele estava na sucursal do *Estadão*?

Não, não. Ele era amicíssimo do Prudente Moraes Neto.

Garcia, descreve um pouco a importância desses dois, do Prudente e do Odylo para o jornalismo.

O Odylo era um sujeito extramamente inteligente e bem relacionado, simpático, bom sujeito, não tinha inimigos e realmente um grande jornalista. Foi ele o diretor de redação do *Jornal do Brasil* quando o *Jornal do Brasil* deu aquela volta por cima na qual a que se viu muito foi a reforma gráfica, que saltava aos olhos, literalmente. Mas, a organização da redação, a valorização do texto e principalmente, a valorização de uma certa dose de humor no texto, que é uma coisa muito importante, você tem de fazer com um cuidado danado, porque se você exagerar um pouco a mão fica ridículo. Isso o *Jornal do Brasil* e a imprensa ficaram devendo ao Odylo. E ele era amicíssimo da Condessa, saiu de lá e tudo mais continuou amigo da Condessa e gostava muito de mim. Então, eu trabalhei com ele. Ele foi para *O Cruzeiro*. Uma época, eu tinha um conto, enviei pra lá, ele publicou.

Aí ele foi para o *Jornal do Brasil*, eu peguei o mesmo conto, ele levou pra lá e publicou, entendeu? Publiquei esse conto três vezes, em três empregos do Odylo. Você vê o que é a vida [risos seguida de parte inaudível].

Que história era essa?

[Risos] Eu tenho vergonha de dizer. Era a história de uma galinha e um marciano. Não pergunte detalhes porque eu não sei como essas duas coisas se juntam lá, até gostaria de recuperar, mas realmente não sei.

E o Prudente de Moraes Neto?

O Prudente era o sujeito mais educado que eu conheci na minha vida. Ele entrava na redação, ia em todas as mesas e cumprimentava cada profissional. Tinha posições políticas admiráveis, era a favor da liberdade, um democrata, um amigo de todo mundo de qualquer facção. Os comunistas da redação adoravam ele, os caras de direita da redação adoravam ele. Eu não sei como ele conseguia essa unanimidade. Impressionante. E pobre. Só não morreu pobre porque pouco antes dele morrer, não sei se você se lembra que ano foi, houve aquela valorização enorme das ações do Banco do Brasil. Ele descobriu que tinha uma quantidade enorme dessas ações. Aí, nos últimos anos da vida dele, ele teve bastante conforto. Mas até aí, ele era um homem de setenta e tantos anos que morava no subúrbio, ia pra casa de lotação. Toda noite. Era um homem modesto e exemplar. Neto de presidente da República.

Garcia, conta pra gente como foi a cobertura da imprensa, de um modo geral, do golpe militar.

De 1964?

Sim.

Aí realmente você me pegou. Eu não tenho muita memória disso, não. Eu posso dizer o seguinte, nós tínhamos poucas e frágeis informações. Ninguém previa nada. A idéia de que um general de divisão ia descer sobre o Rio de Janeiro era totalmente estranha pra nós. O que nós estávamos acostumados era que "a Vila [Militar] vai descer, a Vila vai descer". Então, ia um repórter lá pra Avenida Brasil verificar quando a Vila ia chegar. Mas vir o Mourão Filho de Belo Horizonte foi uma coisa totalmente surpresa. Ninguém tinha fontes militares confiáveis, os militares não confiavam nos jornalistas. O Carlos Lacerda, por exemplo, que era um dos maiores advogados do golpe de 1964, ninguém falava com ele no exército. Quer dizer, falar, falava, mas não se contava nada a ele, porque morriam de medo que

ele botasse no jornal. E ele acabou a vida rompido com o governo militar. Não foi por razão ideológica. Foi porque realmente os militares fecharam a porta ao contato com os civis. E tratavam a imprensa também como um corpo estranho, porque não tinham o hábito de chegar a alguém. Eles podiam falar assim “não pode publicar tal coisa”, mas doutrinar a imprensa, convencer a imprensa? Teve uma famosa reunião no Ministério da Justiça, que o ministro era o Juracy Magalhães e ele começou a dizer aos donos de jornais, todos ali reunidos, que deviam fazer aquilo, não deviam publicar nada. O dr. Roberto Marinho levantou e disse, “Ministro, o senhor está enganado. O senhor manda lá e nós mandamos aqui”. E ele era um partidário do regime militar, totalmente, não fazia nenhuma restrição, mas não passava pela cabeça dele que alguém ia dizer como fazer o jornal dele. Porque os militares não tinham qualquer habilidade em fazer isso. Eu me lembro que anos depois eu fui trabalhar na *Visão* e a *Visão* começou a publicar umas cartas de pessoas indignadas com o regime. Aí eu era o chefe da redação e um coronel me chamou e foi falar comigo lá em São Paulo, muito simpático e tudo mais, tentando me convencer que eu não devia fazer aquilo. Era uma conversa impossível. O cara estava sendo simpático, não estava sendo ameaçador. Não vi risco nenhum. Ele queria papo. Mas ele não entendia o que eu dizia e eu não entendia o que ele dizia. Não era sopa, não. Agora, quando teve choque elétrico, então, fica péssimo este distanciamento. Era um horror.

Garcia, ainda sobre *O Estadão*. Como é que você avalia a relação do jornal com o governo militar nesse período em que você trabalhou lá, de 1963 a 1968?

Eu estava meio distante, porque a sucursal era sempre meio distante e coisa. Mas pelo que eu sei, começou muito boa e terminou muito ruim. Porque terminou sob censura. Censuraram o jornal. Não era uma divergência ideológica. Era uma diferença sobre liberdade de imprensa. Ideologicamente, O Estadão fechava com a revolução. Não tinha a menor dúvida disso. Mas você pega a liberdade que o Estadão queria e o governo militar não podia admitir. Então, houve choques e tensões o tempo todo.

Como a censura atuava na sucursal?

Ela não atuava. Ela ia direto no produtor final. Nunca entrou um censor lá dentro. Não havia censores nas sucursais, porque era perda de tempo, eles trabalhavam direto onde o jornal era fechado.

Garcia, com relação a todos os movimentos de contestação ao regime no ano de 1968, por exemplo, a passeata dos cem mil, você se lembra como foi a cobertura do *Estadão*?

Olha, eu não tenho nenhuma lembrança assim precisa. Foi normal, né? O jornal foi lá, cobriu, o fotógrafo foi pra rua. A sucursal ficava ao lado da avenida Rio Branco, na rua do Carmo, ali, na esquina com a avenida Rio Branco. Então, a gente praticamente via da janela e não havia nada, nenhuma recomendação especial que você desse num momento desse. Os fotógrafos iam pra rua, fotografavam o que queriam, o que podiam, os repórteres traziam matéria, tudo escrito correndo e mandavam. Não tinha censura lá, não tinha problema nenhum. Ali era muito distante de qualquer área de atrito, então, trabalhava-se com liberdade e naturalidade. Ninguém achava que estava fazendo alguma coisa heróica, por cobrir a passeata.

Mas Garcia, os jornalistas nesse momento estavam não só cobrindo, mas efetivamente participando também, né? [Truncado pelas falas sucessivas da entrevistadora e entrevistado] Fale um pouco dessa militância.

Alguns sim, outros não. Porque você não pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Alguns jornalistas mais importantes faziam. Tipo, o Gabeira fazia, gente inclusive que estava também indo para outras coisas. E tinha muita gente que ia só pela festa, né? Mas não é uma coisa irônica o que eu estou dizendo, acontece mesmo. O jornalista quando se transforma em militante, ele sai do jornal. Fica um pouquinho e sai. Porque não dá para conciliar. Não é porque ele tem um problema de relacionamento ou porque ele tem um problema de consciência, não. É que não dá pra conciliar.

Naquele momento em que as coisas estavam se acirrando...

É, naquele momento não dava. Noventa e nove por cento foi para a clandestinidade. Como é que você pode ir para a clandestinidade e ter um trabalho jornalístico. Não dá. Eu me lembro de ter participado de reuniões com jornalistas, teve uma no colégio Santo Inácio, outra no Sindicato dos Bancários em se falava muito, aquela discursadeira e todo mundo adotava aquelas posições mais extremadas, mas era só garganta. Ninguém estava ali discutindo como é que ia sequestrar ninguém.

Garcia, em 1968, então, você vai para a revista *Veja*. Como é que foi essa passagem?

Bom, eu fui para uma revista que não existia. Demorou meses e meses. Foi um trabalho muito complicado e muito pouco gratificante, porque trabalhei quatro, cinco, seis meses, sei lá, para uma revista que não existia. É uma sensação muito estranha. Você não sabe como o seu trabalho está saindo, se está bom, se está ruim, e, ao mesmo tempo, naquela época, o pessoal de São Paulo eram todos

principiantes no trabalho de uma revista semanal de informação que não existia no Brasil. Era a primeira. Então, era uma coisa muito confusa assim, trabalhava-se muito, produzia-se muitas matérias, muito texto e tudo mais, pois as pautas eram gigantescas. Quem sabe, quem vai fazer pede pouco. Quem não sabe, pede muito, por segurança você pede tudo. Então, eram pautas que não produziam. Se a revista estava para sair, não ia dar para fazer a matéria, porque você não pode, na terça-feira, soltar a pauta, na quinta-feira tem que fechar, e vem, porque você pediu, quatrocentas laudas de assunto. Você não produz uma página de revista com base naquelas quatrocentas, você está perdido, entendeu? Ninguém sabia fazer uma revista semanal de informação ainda. Então, a revista, no começo, ela fracassa muito. Ela só se levanta muito tempo depois. Ela passou um ou dois anos sem achar o seu caminho e dando prejuízos.

Como que a Abril definia esse projeto?

“Vamos fazer a *Newsweek*”, “faz aí a *Newsweek*”. Visitaram revistas na Europa, visitaram revistas nos Estados Unidos e tudo. Então, é muito complicado, porque ninguém sabia fazer uma revista de informação. Foram aprendendo aos poucos. E por força de dois grandes jornalistas. Um foi o Raimundo Pereira, que produziu uma famosa capa sobre tortura. Parecia inconcebível que se fizesse uma capa sobre tortura. Ele fez uma matéria tão inteligente explicando porque os militares, na verdade, eram contra a tortura, que não teve problema algum e começou a dar seriedade a revista. E o outro foi o Elio Gaspari, que levou para revista primeiro, assim, uma inteligência político-jornalística muito grande, e segundo um estilo leve, sempre meio engraçado, irônico e tudo mais, mais que é muito gostoso de ler. Todo mundo começou a imitar e tudo mais e criou o estilo *Veja*. E ela só começa a deslanchar realmente a partir desse momento e isso já em 1975, 1976, sei lá.

As pautas, de modo geral, eram sobre política?

Não, sobre qualquer assunto. Mas, no começo, quando fazia essas pautas e tal, por exemplo, “vamos fazer uma matéria sobre a Câmara [de Deputados]. Explique como é uma votação na Câmara, explique como funciona as Comissões”. Você está preparando verbete de enciclopédia, não está preparando matéria, entendeu? Ninguém sabia fazer ainda, foram aprendendo aos poucos. A verdade é essa.

E nesse momento, você citou dois deles, o Raimundo e o Elio, mas quem mais fazia parte, quais eram os principais jornalistas da revista?

Lá em São Paulo?

E aqui no Rio, também.

Aqui no Rio não tinha principais. Tinha o chefe da redação, que fui eu, depois eu fui para Nova Iorque. Trabalhava aqui a Christina Autran, Marcos Sá Correa, que veio do cursinho da Abril, mais três ou quatro assim. Não havia muita gente não.

E em São Paulo?

Tudo paulista.

Você lembra quem eram?

Tinha Ulisses Alves de Souza, tinha o Sebastião Duque Estrada, que era o diretor de artes. A Dorrit, mas no começo ela não era editora, depois ela virou editora internacional, e José Roberto Guzzo, que está na Abril até hoje. O Henrique Caban teve uma época que trabalhou lá, foi para São Paulo também. Quando eu comecei na Abril, ele já estava chegando em São Paulo. Paulo Henrique Amorim foi o primeiro correspondente em Nova Iorque. Depois acabou editor de economia e eu substituí o Paulo Henrique como correspondente.

Como era o mercado editorial de revistas naquele momento?

Estamos no começo da década de 1970, já?

Até um pouco antes, 1968, ainda.

Manchete, O Cruzeiro em decadência...

Realidade...

Realidade ainda, *Realidade* sim. É, tem razão.

Que era o outro investimento da Abril, né?

Era o outro investimento da Abril. Foi o carro-chefe da Abril durante muito tempo.

Você se lembra qual era o lugar político da *Veja* no ano de 1968?

A revista não tinha nenhuma posição de contestação. O Raimundo conseguiu a chave de falar da tortura sem falar mal da tortura. Ele ouviu militares que eram contra a tortura. Foi uma matéria contra a tortura que ele botou na boca dos militares. E a revista não tinha a intenção, a presunção de ser uma revista formadora de opinião. Não era o que gostaria de ser *O Estadão*, não era o que gostaria de ser o *Correio da Manhã*, ou o jornal de Carlos Lacerda. Não. Você deve ter conhecido a *Realidade*. *Realidade* tratava de temas importantíssimos. Você não pode dizer qual era a posição política da *Realidade*. Não era, não tem uma coisa definida.

Garcia, em relação a noite de 13 de dezembro de 1968, você tem alguma lembrança espacial?

Não, não tenho nenhuma lembrança especial. Me lembro muito do episódio, mas não ficou gravado nada assim. Eu estou na *Veja*, estou casado. Olha, não tenho nada na memória. Certamente eu fiz alguma coisa, certamente eu estava muito preocupado, mas honestamente eu não posso criar um cenário que eu não me lembro.

Em relação a *Veja*, o que mudou com o AI-5? Passa a ver uma preocupação maior? A revista passa a ter problemas? Qual é o cenário?

Ela estava começando a ser publicada. Ela não era importante.

Já no ano seguinte, em dezembro de 1969, estava sendo publicado um dossiê sobre tortura. Ela passa a ser importante.

Já era importante. Foi exatamente. É quando já está lá o Élio, quando já está lá o Raimundo.

Como é que foi a reação, a repercussão desse dossiê, Luiz?

Em 1969 eu não estava aqui.

Nesse momento já tinha saído?

Já tinha saído.

Agora, você se lembra em 1969 tem uma série de demissões na *Veja*, provavelmente por pressão dos militares. Você se lembra desse episódio?

Não. Talvez o Raimundo, que permanece lá, deva se lembrar mais disso. Eu não me lembro não.

Garcia, por que você foi ser correspondente?

Porque a *Veja* quis. Paulo Henrique Amorim estava lá, quiseram trazer ele ou ele quis, pediu pra trazer, e eles me ofereceram. Era uma experiência realmente...

Você vai para Nova Iorque em 1969?

Em 1969. Chego lá no fim de 1969. Três últimos meses, quatro, uma coisa assim. Fico o ano de 1970 inteiro e no começo de 1971 eu volto para o Brasil.

E como era a sua cobertura internacional, com o Brasil numa ditadura mais feroz, pós-AI-5? Como era essa informação, ela entrava livremente? Como era?

A informação que eu mandava? Tranquilamente. Era mandada por telex em primeiro lugar. Não havia nem como impedir. Se houvesse qualquer controle seria

sobre a matéria pronta. Mas transmissão dos dados não havia sofisticação da censura que impedisse e nunca houve caso. Eu cobria muito a moratória, guerra do Vietnam, problema do Nixon e bastante coisa da área econômica. Nada disso fazia nenhuma diferença para os militares que eu soubesse. Nunca ouvi que isso de falar "Garcia, tua matéria deu problema". Nunca ouvi essa frase. E cobria tranquilamente tudo.

Mas você não chegou a pegar o Watergate lá?

Não, eu cheguei antes do Watergate.

Quando acontece o Watergate, que tipo de lição ele é para a imprensa?

Bom, primeiro ele é uma lição de como publicar uma informação de fonte secreta. Os dois criaram um sistema de checagem, quer dizer, nenhuma informação é publica se eles não conseguirem uma fonte independente, o que possibilitou que eles não errassem uma no desenrolar da trama toda. No filme, não sei se vocês viram o filme, tem um momento de suspense que eles acham que erraram uma, mas na verdade não está errada. Watergate tem uma coisa que é muito engraçada. Ela devolve a mídia impressa por um período de meses e meses e meses o foco principal de atenção do público que a televisão tinha roubado. A televisão ganhou da mídia impressa na guerra do Vietnam e perdeu no Watergate como perdeu no célebre caso dos documentos do Pentágono. Não sei se vocês se lembram. Por que? Porque quando as figurinhas se mexem, as pessoas vêem televisão. Quando é letrinha, elas lêem jornal. Então, esse plano ilustra muito bem a bobagem que se diz que a televisão ia matar o jornal. Não é verdade. Não mata porque cada um tem sua área. O que a televisão matou? Foi a revista ilustrada. Com a ascensão da televisão *Look*, *Life*, *Paris Match* tudo foi embora, sumiu. Os jornais, não. Os jornais não perderam nada. Ficaram todos com seu nicho de importância e o seu acesso especial junto à opinião pública praticamente intocado. Isso é uma coisa que eu acho muito importante nesse momento em que a imprensa está enfrentando o desafio dos blogs e da internet em geral. Pode ser que a gente seja engolido, mas vai ser se eles oferecerem uma coisa que a gente não está oferecendo. Não apenas porque está oferecendo uma novidade. Mas tem que ser uma coisa que a gente faz e eles fazerem melhor. Isso é um debate que ainda vai se resolver, mas por enquanto o exemplo do Watergate, a guerra do Vietnam e tudo mais serve de lição. Essas coisas não acontecem, assim, automaticamente. Se surgir uma novidade boa, vai matar tudo que estava em pé. Não acontece.

Garcia, essa questão de lidar com a fonte em off, como é o caso de Watergate, aqui no Brasil a gente estava numa ditadura. Durante a ditadura, como é o acesso às fontes? Cresce a necessidade de se usar off?

Como os jornalistas lidavam para construir uma informação que estava interdita de alguma forma?

Naquela época não se tinha tanta preocupação com isso, a pureza da fonte, a fonte em off e a fonte em on. Cobria-se o que era permitido. Grande parte da censura era exercida muito mais sobre a opinião e sobre a editorialização da notícia pelo jornal do que sobre fatos, o fato cru. Raramente surgia um fato assim que fosse objeto de uma guerra pela censura. "Não se fale nada sobre inquietação não sei aonde". Tudo coisas mais vagas. Episódios assim eram muito difíceis de você imaginar que fossem censurados. Agora, eu tenho um depoimento muito em segundo mão, porque eu não trabalhava numa redação onde houvesse censura. Deve ter outros depoimentos mais profundos que talvez até mostrando que eu estou errado. Mas a minha impressão é um pouco essa. A censura era muito mais intimidação na hora da edição do que algo realmente afetasse teu modo de trabalhar como repórter.

Garcia, esse tempo que você está em Nova Iorque, você comparava a imprensa americana à nossa? Qual era, na época, a qualidade da nossa imprensa comparando com a americana?

Na época era muito inferior.

Por que?

Porque ela ainda tinha aqueles vícios da imprensa engajada que a gente falou antes, quer dizer, os grandes jornais como *O Estado de S. Paulo*, como *O Globo*, cada um por suas razões, não tinham grandes compromissos como a objetividade. Ninguém era desonesto, o que se tinha era uma visão diferente. A imprensa americana era muito adiantada em relação a nós nesse negócio. Nós estamos num estágio semelhante da imprensa americana muito recentemente. Eu diria, nos últimos quinze anos.

E Garcia, como foi sua experiência na *Visão*? O que era a revista *Visão* na sua época?

Era uma revista muito pequena, feito por um bando de pessoas. Realmente, a redação tinha pouca gente. A grande cabeça da *Visão*, não era o chefe de redação, que era eu, era o Zuenir, que chefiou a redação no Rio, e era uma revista muita engraçada, porque era uma revista de um senhor simpatisíssimo, muito boa pessoa, o Saíd Farah, empresário paulista típico de centro-direita, vamos dizer assim. Eu gosto muito dele. E era feita por comunistas. Era uma célula. Menos eu, que nunca fui de partido nenhum. Mas, conversava com eles, negociava com eles todos. E fazíamos uma revista que tinha coisas muito interessantes. Mas era uma

revista muito pobre de recursos e tudo mais, a *Veja* já bombava há muito tempo. A *Visão* tinha uma importância muito pequena.

Mas ela foi criada para competir com a *Veja* ou não?

Não, ela foi criada porque todo ano ela publicava a lista de quem é quem da economia, que era um catálogo de telefone assim e que dava um dinheirão e subsidiava a publicação da revista o ano inteiro quando ela não tinha importância nenhuma. Nós gostávamos muito do Saíd, mas ela não tinha importância nenhuma. Ela tinha cem mil assinantes, recebiam se quisessem ou não quisessem. Então, o Saíd Farah, que era muito bom sujeito, ganhava dinheiro com isso, porque esse quem é quem dava a ele o retorno que ele precisava para os gastos dele, com lucro e tudo, e ele deixava o pessoal fazer a revista que quisesse o resto do ano.

Há tantas histórias sobre os comunistas nas redações dos jornais, não é? Como a frase de Roberto Marinho, “dos meus comunistas cuido eu”, e outras tantas histórias. O que acontecia? As redações todas estavam aderidas ao Partido Comunista ou os comunistas eram melhores jornalistas?

Eu acho que conheço algum comunista burro, mas são poucos. E era um fato aceito que os comunistas eram bons jornalistas. E o comunista não estava lá para deturpar a notícia contra o interesse do patrão. Ele estava lá porque era o emprego dele e ele era comunista lá fora. Eu me lembro de um episódio, do Henrique Caban, que era o secretário de redação e o dr. Roberto Marinho, que gostava dele. Um dia, aparece uma ordem lá do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social] que o Caban tinha que ir lá falar. Aí o dr. Roberto chegou assim e perguntou “o que é isso?”. “É um dinheiro que eu tenho dr. Roberto”. “Como é que você tem esse dinheiro”. “Não sei”. “Como é que você deu esse dinheiro? Como é que você dá cheque do Partido Comunista. Isso se dá em dinheiro vivo”. A reclamação dele foi da burrice do Caban de dar um cheque. O fato de ser um comunista, ele estava cansado de saber. Ele era um comunista dele. “Dos meus comunistas, eu cuido”. E isso ele fez uma vez. Teve uma reunião com o Juracy Magalhães no Ministério da Justiça em que ele deu um esculacho geral em todo mundo. Quer dizer, todo mundo lá podia ser comunista à vontade, desde que não atrapalhasse o jornal dele.

Garcia, você volta para o jornal de Roberto Marinho em 1974. Que jornal é esse que você encontra em 1974? O Globo tinha mudado já?

Já, muito. O Evandro já tinha entrado. Então, o jornal estava começando a se modernizar, já era inteiramente diferente, já estava organizado em editorias estabelecidas como os outros jornais, já estava prontinho. Eu tenho a impressão que o dr. Roberto tinha coisa na cabeça, agora em que maneira ele deu diretrizes

gerais ao Evandro, o Evandro transformou as diretrizes gerais em método específico e tocou pro pau ou coisa foi combinada, acertada assim, não sei. Sei que trabalharam juntos, nunca ouvi falar de uma briga entre eles. E não sei de quem foi a decisão, mas foi nesse período que *O Globo* tomou suas decisões principais, como circular aos domingos, que matou o *Jornal do Brasil*. Isto porque ele ganhou uma edição, que de qualquer maneira, mesmo que seja o segundo, é uma edição que produz muito anúncio, tem muita circulação e tudo. E outro ganhou uma edição de segunda-feira que não vale nada, é uma edição especial de esportes, não tem anúncio, não tem nada. Veio o jornal de bairro, foi uma modernização atrás da outra. Foi tudo o Dr. Roberto e o Evandro. Não sei quais das idéias nasceu da cabeça do dr. Roberto, quais saíram da cabeça do Evandro. Mas, eles foram muito úteis um para o outro. Trabalhavam numa harmonia absoluta e total.

Você falou que a redação já estava organizada em editorias quando você volta. Lembra quem eram os editores respectivos?

Internacional era Guilherme, não consigo lembrar o sobrenome dele. A Nacional teve tanto editor, um depois do outro. Economia foi o Celso Itiberê. Muitas vezes, ele também foi editor de Esportes. Ah, não dá não para eu lembrar assim.

Você falou de economia. Economia cresce durante a ditadura por que?

Porque política define. O fato político importante passou a ser o fato econômico.

Mas aí era possível ter uma visão crítica, por exemplo, do milagre econômico ou não, há uma adesão?

Há uma adesão. Uma adesão eu não posso dizer, mas há uma seleção de temas. Discutia-se muito. Por exemplo, um grande tema era o petróleo, a autonomia em petróleo. E o que os jornais publicavam era que o Médici queria que publicasse. Era vontade do Médici e era vontade dos jornais também. Não há nenhuma grande crise econômica durante a ditadura. Não que se soubesse também. Então, não havia área de atrito. A economia era um terreno que se podia circular tranquilamente e é por isso que não dava atrito, não dava.

Agora, em determinado momento você vai organizar a editoria de Política de *O Globo*.

Não exatamente. Eu fiz uma página de política.

Quando é isso?

Ah, não me lembro, sententa e poucos.

Já é Geisel?

Sinceramente, agora não me lembro. Era uma página só. Então, a gente fazia uma coisa, conseguia dar noticiário da Câmara, noticiário do Senado, eu e mais um com matérias mandadas por três pessoas. Não era uma editoria, era uma página pra ser o começo de uma idéia de um e ficou pouco tempo na minha mão. Depois, eu fui fazer não sei o quê. Eu organizei e ficou. Ela não tinha realmente importância. A editoria de política vai nascer muito depois com o fortalecimento da sucursal de Brasília, principalmente, quando se abasteceu a sucursal de Brasília com equipes de repórteres políticos e tudo.

Mas isso ainda é no regime militar?

É, pode ser perfeitamente porque quando chega no governo Figueiredo já valia tudo. No governo Figueiredo você já não tinha nenhum problema de censura.

Você lembra como foi a cobertura do atentado no Riocentro, no governo Figueiredo?

Total. Me lembro que *O Globo* fez a foto do sargento esfaqueado no carro. Não teve nenhum problema para publicar. O coronel encarregado do IPM [Inquérito Policial Militar] fez uma farsa lá no relatório e *O Globo* e os outros jornais publicaram aquilo dizendo que era farsa e tal, não aconteceu nada.

Não havia pressão em cima de Roberto Marinho, por exemplo?

Se havia, não me passaram. Mas pode ter havido apelos. Pressão mesmo creio que não. Já estava naquela época, isso era governo Figueiredo. A abertura vinha do Geisel. E o Figueiredo com aquele estilo predo e arrebento era mais democrata que o Geisel. Só não tinha físico de piloto, mas era mais democrata que o alemão. O que se quis publicar no governo Figueiredo se publicou sem problemas.

Como é que foi percebida a abertura política na redação, Garcia?

Se você podia publicar tudo, toda notícia. Você não tinha mais censura. Abertura é sem censura. Quando não há mais controle externo e não há mais cobrança, você fica com os seus próprios limites. Há uma fase de adaptação. Eu não fazia política, eu sei de segunda mão. É mais ou menos isso. Há uma fase de adaptação, você descobria os seus limites e tudo mais, porque, às vezes, o teu limite é, digamos assim, o teu compromisso com você mesmo, o teu compromisso com o bom gosto, o teu compromisso a verdade das coisas, a certeza sobre o fato, sabe como é? E, quando, tinha a censura, você não estava acostumado a lidar com esses compromissos todos. Você não testava eles todos os dias porque parava antes no muro da censura. Então, há uma fase de aprendizado, de certa maneira. E você

trocava os limites impostos de fora, pelos limites impostos por você mesmo. Então, há uma fase de adaptação nisso. Também não é nenhum bicho de sete cabeças. Mas há um momento de exitação, há momentos em que você publica alguma coisa ou deixa de publicar pelos motivos errados. Em menos de seis meses todos os jornais já estavam habituados a administrar.

Você lembra de algum episódio emblemático desse aprendizado?

Não, não me lembro. Porque eu não fazia política também. Mas comentar esse tipo de coisa, este estado de espírito, isso sim. Como eu não fazia, não tenho experiência no meio, eu estou falando o que eu sei de ouvir e de deduzir um pouco também.

Com a abertura política do Geisel, você acha que o jornalismo se livrou da chamada autocensura?

Nunca se livrou e nunca vai se livrar. Depende do você chama de autocensura. Autocensura que eu chamo é você ter parâmetros de conduta sobre o que você vai publicar. Você não publica tudo. Nunca. Por exemplo, eu acho que não publico uma acusação à fulano ou sicrano sem provas. Há uma escola de jornalismo mais ultrapassada que diz, "se alguém acusou alguém, isto é um fato e você tem de publicar". "A disse que B é ladrão de galinha", eu tenho que dizer "A disse que B é ladrão de galinha". Qual é a conclusão do leitor? B é ladrão de galinha. Então, "esquece o A, eu estou cagando e andando...". Eu acho que não, você não pode. A acusação é o passo inicial da apuração do fato. Uma coisa mais rigorosa do que esse simples "se alguém disse, a responsabilidade é de quem disse". Não. Alguém disse para você. Você é responsável por dizer para cem mil pessoas. Então, tua responsabilidade é grande também. Você tem que ter a convicção de que aquela coisa tem valor jornalístico e valor está associado instintivamente à veracidade, você tem que se convencer da veracidade da afirmação. E tem gente que diz não. O fato é o que ele disse. É um fato. Então, tem que publicar esse fato. "Alguém disse tal coisa". Eu acho que não, é diferente.

A gente está falando sobre uma ética profissional. Nesse momento, esse pensamento já era comum no jornalismo?

Era. Em oitenta e pouco, se eu não me engano, no manual de redação de *O Globo* que eu escrevi, não me lembro a data que ele foi editado, mas tudo isso está lá. E não fui eu que inventei. Eu fui colhendo. Então...

Você comentou um pouco a atuação da ABI e do Sindicato no período anterior ao golpe. Neste momento do regime militar, você tem alguma lembrança, você pode dizer como eles atuavam?

Não. Sei que não havia ninguém pró-governo no regime militar no Sindicato. A ABI estava num período muito ruim, se eu não me engano. O Moses já tinha morrido. De qualquer maneira, o substituto imediato do Moses tinha noventa e tantos, Segismundo, um negócio assim, não sei. Então, a ABI estava numa fase que não tinha nada haver com nada. Ela não tinha forças próprias para reagir em relação a nenhum problema. Ela só vai despertar muito tempo depois, com a direção atual. O Sindicato era muito fraco. Fraco não em relação as suas políticas. Era muito fraco porque sua briga era pelo piso salarial que nenhuma grande empresa pagava. Elas pagavam muito mais. Então, o Sindicato perdeu força e não recuperou até hoje. Eu gosto muito do Sindicato, vou lá, gosto de frequentar o Sindicato, mas ele tem esse problema, luta por um piso salarial que as grandes empresas não pagam, pagam três vezes acima.

Garcia, nessa época, durante muito tempo, no Sindicato “dos Patrões” estava o Chagas Freitas à frente. Que peso isso tinha?

Não, o Chagas nunca exerceu força política. O Chagas não era disso, ele queria ganhar o dinheiro dele. Você não conhece uma posição política do Chagas, nem uma posição política de *O Dia* e *A Notícia*. Ele se dava muito bem com o dr. Roberto, isso eu me lembro. Mas, nunca ouvi falar que o Chagas era a favor disso ou contra aquilo.

Mas tinha o poder político...

Tinha poder político em termos, quer dizer, *O Dia* era um jornal que vendia para o passageiro de trem, né? Uma moça atropelada, esse tipo de coisa. Não procurava ser um instrumento de convencimento de ninguém sobre qualquer posição política. *A Notícia*, que era o vespertino dele, era um jornal que só tratava do funcionalismo público. Muito rasteirinho, funcionário público mais modesto e tudo. Tratava de quinquênio, salários, essas coisas assim. Não tomava posição política, como a *Luta Democrática* do Tenório Cavalcanti. Dava popularidade a ele, porque o eleitor era leitor do jornal, mas não tinha uma posição política na *Luta Democrática*, não. Não extraía nada.

Estávamos falando aqui sobre o processo de abertura política. Quando ocorre o assassinato do Herzog, que impacto que isso teve sobre o jornalismo?

Violento. Eu fui com o Zuenir [Ventura] pro enterro. Chegamos lá, o resto da turma da Visão estava totalmente em estado de choque, era uma coisa impressionante. Naquele momento, a reação foi apalermamento. Nunca tinha acontecido. Você sabia de muita gente que tinha apanhado muito, que tinha sofrido o diabo, sabia de pessoas que tinham morrido e você conhecia, mas o cara que você trabalhou junto

ser torturado e morto e você ter notícia disso é uma experiência estranhíssima. O pessoal da *Visão* estava totalmente arrasado. Eles foram todos liberados para o enterro, nós fomos lá no enterro, uma coisa horrorosa. E é uma coisa que ficou até hoje como marco. Toda hora citam o caso do Herzog e têm de citar o caso do Manuel Fiel Filho também.

Nesse momento, na década de 1970, vários veículos desaparecem como a *Última Hora* e o *Correio da Manhã*. Para você, Garcia, quais são os fatores que determinaram esse processo?

Universais. Aconteceram aqui e Nova Iorque. O processo de produção de um jornal, na medida em que vai se tornando mais sofisticado, vai ficando cada vez mais caro. A impressão a frio, o fim da linotipo e o aparecimento das máquinas de compor eletrônicas e tudo mais tornam a produção física de um jornal uma coisa muito cara. E isso deu um encolhimento absoluto. Você vai ver em Nova Iorque. Eu estive lá em 1957, tinha uns oito ou dez jornais. Vai ver quantos existem hoje. O Wall Street Journal, o New York Times, um de economia e fica por aí. E aqui encolheu igualzinho. Na França também. Foi um problema econômico, produto da sofisticação e do encarecimento do processo de produção.

Você não acredita, então, que no caso brasileiro, a ditadura militar tenha sido determinante nesse processo?

Ninguém perdeu leitor na ditadura. Pode ter acontecido algum caso, de algum jornal regional e tudo mais, mas eu não conheço nenhum jornal que tenha ido à falência por causa da repressão.

O *Correio da Manhã* não seria?

No *Correio da Manhã* foi a briga. Morreu Paulo Bitencourt, o jornal estava condenado, pois a Niomar era doída.

Garcia, a partir da redemocratização, em 1982, a gente retoma as eleições. Quais foram as lições que o jornalismo teve ao longo dessas eleições que se sucedem, 1982 até chegar ao Collor? Tem algumas lições a serem tomadas dessa retomada da cobertura política?

Tem, tem algumas lições até muito curiosas. O *Globo* tinha um sistema de cobrir as eleições legislativas dando a votação de todos os candidatos. Era uma coisa que fazia muito sucesso com o eleitor, porque o eleitor sabia que, por mais que ele votasse num candidato pequenininho, os votos dele ele via lá. Isso tinha dado certo em muitas eleições anteriores. Em 1982, O *Globo* insistiu em fazer a mesma coisa. Esquecemos que era a primeira eleição para governador. Então, nós fizemos um sistema lento de apuração e a *Rádio Jornal do Brasil* e outros fizeram um sistema

rápido de apuração. Tem gente até hoje que acha que *O Globo* falsificou o resultado da eleição, mas não. *O Globo* só apurou devagar. A gente dizia todo dia, "isso é um resultado preliminar, não sei o que e tudo". E ainda fizemos mais uma bobagem. A *TV Globo*, que em vez de uma edição diária tem ennes edições diárias, tinha menos razão ainda que *O Globo* para entrar nessa. Mas eles ficaram usando o sistema de *O Globo*. Então, enquanto a *Rádio Jornal do Brasil* dava oitenta urnas, a *TV Globo* dava quinze. Aí surgiram acusações que era golpe e tal, que tentávamos fazer coisa e foi apenas um ato de falta de percepção de que o fato jornalístico tinha mudado de natureza e você tinha que cobrir de maneira diferente.

Então, o escândalo da Proconsult acaba respingando sobre *O Globo*?

Na época, não podia sair carro na rua. Durante uma semana, duas, não podia sair carro na rua.

O que acontecia?

Pedras

A população mesmo indignada...

A população estava indignada. Porque os primeiros resultados que vieram daquelas zonas marginais, eu não me lembro mais quem era, era o Miro, acho que era o Miro, não importa quem fosse, e dava outro na frente, assim. E a *Rádio Jornal do Brasil* dando quinze por cento a mais de urnas apuradas que o Brizola estava na frente. Todo mundo acreditou que a *Globo* estava fraudando o resultado da eleição. Quando, evidentemente, você não pode fraudar porque o resultado final sai do Tribunal. Só se o Tribunal estiver roubando também. De qualquer maneira, foi um erro político grave, uma advertência grave para *O Globo* naquele momento.

Garcia, quais as orientações que *O Globo* tem hoje para cobertura de eleição?

Eu estou muito afastado disso, mas, se bem me lembro, não é só *O Globo*, é todo mundo. Ninguém tem mais candidato. Não dá. É mal do ponto vista ético e é mal negócio também. Você não pode ter favoritos. Tem coisa como jornalista que sai em cobertura não pode usar boné, broche, faixa no carro de nenhum candidato. Quem se afasta para ser candidato ou membro da equipe de candidato, está despedido do jornal. Não se dá licença pela duração. Isso são recomendações sobre a atitude do pessoal. E em relação à cobertura tem de falar de todo mundo o tempo todo.

Garcia, você acha que em 1989 a imprensa embarcou naquela imagem que se construiu sobre o Collor como "Caçador de Marajás"?

Acho. Ninguém foi em Alagoas para ver a história dele. Eu não sei por que.

Será que foi interesse político ou sensacionalismo?

Ou incompetência. Porque também ninguém me contou por que não foram. Mas que houve erro, houve. Talvez porque quisessem qualquer coisa, talvez os donos de jornais achassem que ele era um cara ótimo porque ele era o anti-Lula. Portanto tinha que ser bom. Havia esse tipo de raciocínio talvez por inadvertência. Mas foi um mal momento do jornalismo político brasileiro.

E como você avalia o momento posterior, que foi o impeachment? A cobertura da imprensa sobre este evento, como foi?

Foi boa, muito boa, eu gosto. Não foi exagerado demais, mas alguns casos... reconheço. Por exemplo, vê como é difícil. A *Veja* publica uma entrevista com um sujeito que tem um tumor na cabeça do tamanho de um ovo, que diz as maiores barbaridades contra o irmão dele. Publica sem conferir nenhum fato. Isto, assim exposto, é um erro jornalístico da maior gravidade. Mas a gente sente na cabeça das pessoas, dentro da profissão inclusive, a expressão "se era tudo verdade, então tudo bem". Isto é uma coisa que me assusta muito, embora tenha muito gente que fale a mesma coisa que eu falo. "É um absurdo". Agora, depois, no decorrer do processo, a imprensa acabou se portando bem. Se descobriu muita coisa. Descobriram o fiat Elba, *O Globo* descobriu coisa, o outro descobriu não sei o que da operação uruguaia lá. A imprensa fez um trabalho dentro dos parâmetros. Foi legal. Mas o momento inicial foi de uma irresponsabilidade a toda prova. Só que deu certo.

Garcia, você ainda faz *Algumas* para o jornal?

Não, parei. Eu não aguentava mais.

Qual era o título todo?

"Algumas observações sobre o jornal de hoje".

E como surgiu?

Bom, surgiu porque o Evandro Carlos de Andrade trazia de casa o jornal todo anotado e ele era muito irritadiço, principalmente pela manhã. E mandava para os editores. Rasgava o jornal e mandava a parte de cada um para os editores. "Isso não vai dar certo, isto não está bom". Aí eu propus a ele o seguinte, eu fazia as observações, juntava as dele e tudo mais, punha mais algumas, passava por ele e depois eu mandava pro pau. Porque isso coincidiu também com a implantação do sistema de informática. Porque, senão, ele não podia ter feito isso. Ele tinha de

mandar pra todo mundo análise do jornal e passar no mimiógrafo. Não ia dar certo. Tinha de botar no computador de todo mundo. Coincidiu foi com a implantação do computador nas redações. Aí era *Algumas observações sobre o jornal de hoje*. Acabou *Algumas*. E no começo era com o Evandro, mas o Evandro depois foi embora e eu fiquei fazendo sozinho. Inclusive eu fiz o seguinte, já tinha um ano mais ou menos, eu enrolei todo *Algumas*, juntei uma moça, uma pesquisadora e outra comigo e fizemos uma revisão, comprimimos aquilo e disse assim “quais foram as observações mais frequentes?”, “onde está o uso das nossas áreas fracas e tudo mais?”. Produzimos isso e eu usei esse material como base para fazer o manual de redação de *O Globo*. O manual de redação de *O Globo* é a resposta a deficiências de problemas que *O Globo* tinha naquela época e que são mais ou menos permanentes e tudo.

Quais são os principais erros cometidos no jornalismo?

O principal erro cometido no jornalismo é, ainda, o de natureza ética. Não por malícia. Mas por não saber enfrentar a sutileza da coisa. “Fulano disse que beltrano é ladrão”. “Ele que está dizendo, portanto, responsabilidade dele, portanto eu posso publicar”. Não é bem assim. Ele está dizendo pra você, você está dizendo para quinhentas mil pessoas. O fator multidão tem que ser levado em conta. Entendeu? É a ética não no sentido da desonestidade. É a ética no sentido da dificuldade de você isolar o comportamento correto, juntar quatro outros comportamentos que parecem tão corretos quanto. Não é o erro ético malicioso. É o erro ético involuntário. Então, isso é uma coisa que a gente tem que mudar e *O Globo* falhou muito, pois eu fiquei muito carregado de exemplos.

Como é que você acha que o jornalista lida com a autocrítica?

Olha, eu acho que o jornalista não lida. Eu lido, você lida, qualquer um lida. É uma coisa totalmente individual, não há uma reação classista a isso. É individual. Não há uma reação profissional a isso.

E as novas tecnologias, que inclusive nos deram mais instantaneidade, mais rapidez no acesso à informação e distribuição de informações, criaram novas questões éticas?

Olha, eu admito que sim. Embora eu tenha que admitir também que elas estavam chegando quando eu estava me afastando do processo de produção. Eu não tenho um depoimento conhecedor sobre o assunto. Admito que sim porque é o que acontece. A novidade traz sempre uma quantidade de dilemas e, no nosso caso, dilemas éticos são muito comuns em relação a mudanças de procedimentos em

qualquer etapa do projeto. Agora, eu não posso dizer especificamente o quê e quais são os dilemas nessa última transformação, nesse último passo.

O que houve no jornal após a morte de Roberto Marinho? Mudou alguma coisa? Tinha uma transição já construída?

Construídíssima. Já se sabia que era o João Roberto. Ele, dr. Roberto, já estava afastado algum tempo, já estava passando há muito tempo e eu creio, não tenho depoimentos em primeira mão, que na televisão, onde é muito mais complexo, foi fácil também. Se deu pra fazer lá, no jornal é mole.

Como que você descreveria dr. Roberto?

Uma pessoa muito afável, muito exigente. Eu fiz uma viagem com ele ao Japão e vi que ele era realmente uma pessoa fina, culta, simpática e trato muito fácil. Não tinha aquela coisa assim. Agora, era um homem cinquenta anos mais velho do que eu, então, muito diferente de mim, né? Veio de outro mundo.

Agora com todo acesso que ele tinha, bem relacionado como ele era, influente, esse acesso que ele tinha às informações, ele passava isso para o jornal? Como é que era o Roberto Marinho jornalista?

Bom, quando eu estava lá ele já era o dr. Roberto empresário quase o tempo todo. Não me lembro de nenhum episódio que alguém tivesse me dito que ele tenha passado alguma informação importante para o jornal. Certamente teve, mas não seria por meu intermédio. Certamente alguma coisa ou se era informação, uma sensação, uma impressão, qualquer coisa, mas eu não sou testemunha.

Como era o seu trabalho na construção da opinião do jornal? Isso era discutido com o grupo? como que acontecia?

Eu tinha três editorialistas comigo, um de economia, um de internacional, um de pau pra toda obra. E eu, em geral, fazia o político ou pedia para alguém fazer o político. A gente tinha uma reunião todo dia às três da tarde. Eu tinha minhas idéias. Em geral não tinha nenhuma sobre economia, mas o George Vidor dava as dele, eu completava e a gente produzia uma pauta, com um ou dois editoriais e uma quantidade de artiguetes, aqueles pequeninhos. Artiguetes fui eu que criei no jornal. Hoje em dia não são bem como eu gostava. Eu gostava daqueles com três linhas, duas linhas, uma coisinha assim, bem suscinta, mas depois eu mesmo comecei fazer maiores. Não estou reclamando não. Isto era feito assim todo dia e no tempo do Evandro, eu comunicava ao Evandro quais eram os assuntos e tudo. Mas era raro haver uma discussão qualquer. Era tudo sempre muito óbvio.

Garcia, olhando hoje para o panorama da imprensa, qual é a cobertura que é mais difícil? Qual área é mais difícil para o jornalismo cobrir? É política? É a violência? É a economia?

Bom, a violência tem uma dificuldade associada ao acesso às fontes. A dificuldade física de cobrir violência tem esse problema. Eu acho que o mais complicado de você cobrir hoje é economia. Porque não é a questão de você obter o fato, é você saber transmitir o fato. Poucas pessoas sabem, visto que têm de pegar todo acontecimento que é macro-econômico e levar ele para o nível micro-econômico. O Banco Central mudou a taxa de quinze para quatorze. Em algum momento tenho de dizer em que isso me afeta. Se não disse para o leitor, eu não fui bem entendido. Isso é o maior problema da cobertura econômica, eu acho.

Garcia, a morte do Tim Lopes e recentemente os episódios com os repórteres de *O Dia* deixaram alguma lição a ser aprendida? Nós temos a aprender alguma lição?

Eu vou falar de uma área que eu tenho muito pouca experiência, mas eu acho que há uma lição a ser aprendida sim. Não é justo que o repórter corra riscos. Não é que ninguém mande ele correr os riscos. Mas se há uma leve expectativa no ar de que ele precise correr riscos, já é suficiente para ficar ruim a coisa. Eu acho que isso devia ser mais aberto nas redações, mais discutido e providências serem tomadas para evitar esse tipo de coisa. Não faz sentido morrer por uma coisa dessa. Não devia estar nem morrendo para um resultado que seja, não digo muito compensador, mas, enfim, que digam "o preço foi alto, mas pelo menos se conseguiu tal coisa". Não se conseguiu nada. Com a morte do Tim Lopes não se conseguiu nada, com a morte desses meninos lá da, com que eles fizeram lá no outro morro também não vai se conseguir nada. Então, não se brinca com morte assim. Acho que não é uma coisa a ser contemplada nestes termos.

Qual sua opinião sobre essa tentativa de resgatar e registrar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho ótima. Dá condição de uma pessoa que está envelhecendo e está perdendo a sua própria falar, entendeu? Eu sou inteiramente a favor de todos os velhacos documentar suas memórias. É importante isso. Documentar é importante sempre. Eu acho isso fundamental.